

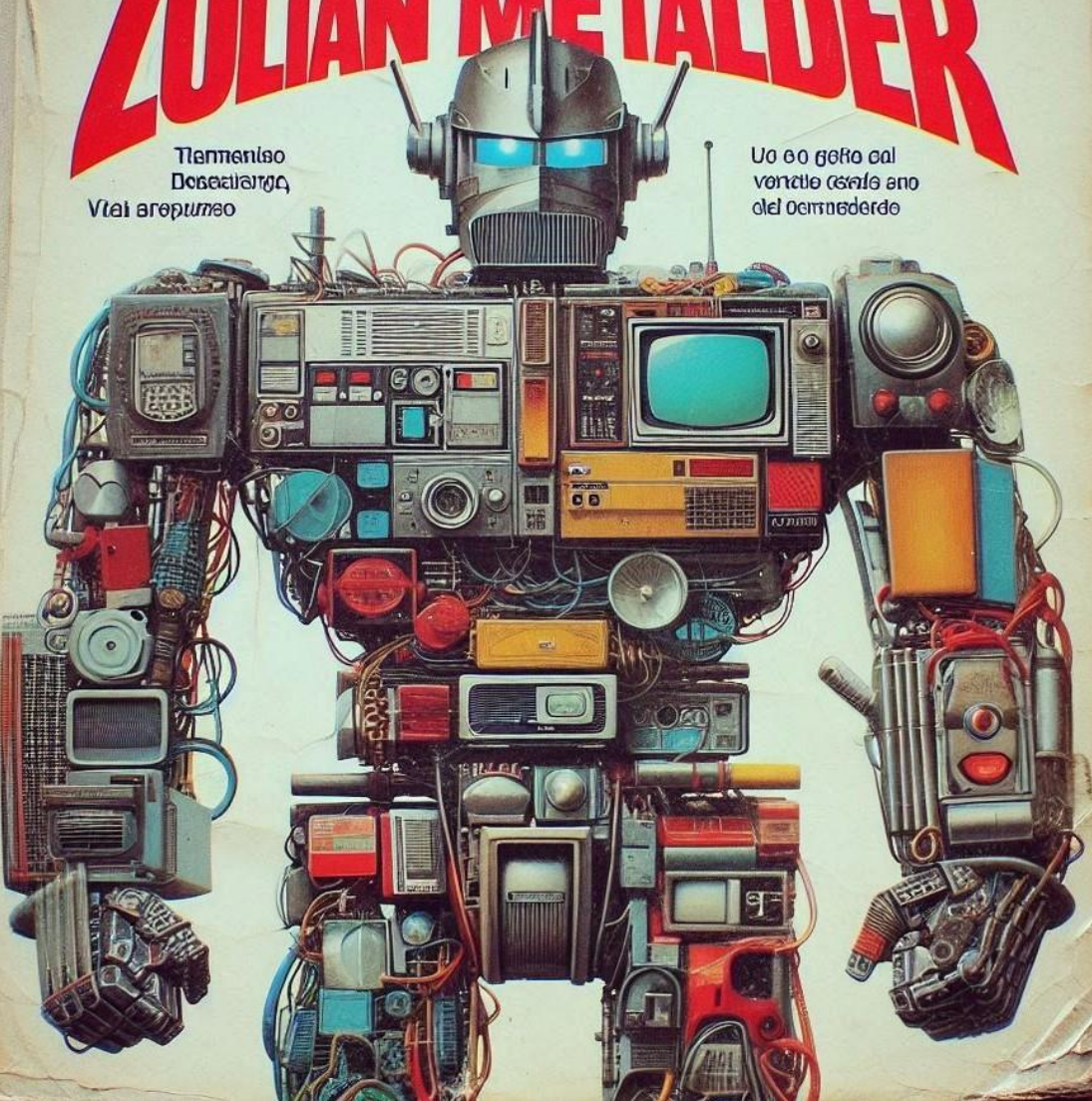
AUGUSTO VASCONCELLOS NETO-GEGA-CA DE-XXANGO

001003 001

ZOLTAN METALDER

Πέννηλο
Dobesallara,
Vlai arerumso

Uo eo gofo cal
vontle asale ano
del oemmederde



ZOLTAN METALDER

O MEGAZORD ACIDENTAL

AUGUSTO VASCONCELOS NETO

(Pai Cobra-Cega de Xangô)



Sumário

Capítulo 1: O Homem Comum	7
Capítulo 2: O Colapso.....	14
Capítulo 3: A Transformação.....	25
Capítulo 4: O Caos como Poder	33
Capítulo 5: O Amálgama de Tudo	41
Capítulo 6: A Ascensão.....	49
Capítulo 7: O Retorno ao Vazio	55
Capítulo 8: O Novo Começo.....	61

Prefácio

Nas ruas antigas de Paracatu, uma cidade que carrega em suas pedras a marca do tempo, uma mudança inesperada e colossal acontece. A figura imponente de Zoltan Metalder desperta, não como uma máquina de destruição, mas como um gigante de alma compassiva e visão transformadora. Essa história começa onde muitas outras terminam: no momento em que um ser extraordinário decide não apenas existir, mas deixar um legado de esperança e união.

Zoltan, uma criação de mistérios e tecnologia avançada, emerge com um propósito que transcende sua própria natureza mecânica. Ele é uma figura paradoxal – feito de aço e circuitos, mas impulsionado por uma vontade humanamente sincera de reconstruir e revitalizar. Em sua jornada pelas ruas e vielas de Paracatu, ele não encontra apenas muros e edifícios, mas uma

cidade viva, repleta de histórias de superação, dor e renascimento. A máquina que outrora serviu como ferramenta de poder encontra em Zoltan um novo significado: o poder de conectar e curar.


Este livro não é apenas uma narrativa de ação e transformação; é uma metáfora sobre o potencial humano de superar as barreiras impostas pelo tempo e pela tecnologia.

Paracatu, que já fora palco de glórias e tragédias, vê em Zoltan um reflexo de sua própria capacidade de ressurgir das cinzas. Ele não é um herói tradicional, nem um monstro a ser temido. Ele representa o futuro – um futuro que deve ser construído com o esforço conjunto de seres humanos e máquinas, de carne, osso e aço.

Ao leitor, fica o convite para adentrar uma história onde o fantástico se entrelaça com o real, onde as máquinas não são apenas engenhos metálicos, mas portadores de uma nova forma de humanidade.

Que este livro sirva como um lembrete de que, por mais grandiosa que uma invenção possa ser, o que a define é o propósito de quem a utiliza.

E que, ao fim, o verdadeiro gigante não é aquele que se destaca pela força bruta, mas sim aquele que sabe usar sua força para construir um amanhã melhor. Boa leitura!



Augusto Vasconcelos Neto
(Pai Cobra-Cega de Xangô)

Capítulo 1: O Homem Comum

Zoltan caminhava pelas ruas de Paracatu como se cada passo fosse um peso adicional colocado sobre suas costas. O sol brilhava intensamente, refletindo-se nas fachadas das casas simples, mas ele não conseguia sentir o calor. Para ele, cada raio parecia um lembrete das responsabilidades que o aguardavam. Enquanto atravessava o pequeno parque da cidade, as risadas de crianças brincando à sombra de uma árvore o faziam pensar em tempos mais simples, quando a única preocupação era o próximo jogo de futebol ou a última brincadeira de esconde-esconde.

Ao chegar ao escritório de contabilidade onde trabalhava, Zoltan respirou fundo, preparou-se mentalmente para o dia que tinha pela frente e empurrou a porta de vidro. O aroma familiar do café requeentado e o som incessante de impressoras lhe davam as boas-vindas. Era uma cena cotidiana,

mas para Zoltan, havia algo quase surreal na monotonia que se instalava no ambiente.

— Bom dia, Zoltan! — exclamou Mauro, seu chefe e amigo de infância, com um sorriso que tinha um quê de ironia.

Zoltan forçou um sorriso, mal sabendo que o dia já começava com o pé esquerdo.

— Bom dia, Mauro. — ele respondeu, enquanto se sentava em sua mesa e ligava o computador. O barulho do ventilador no teto parecia se misturar com as vozes dos colegas, criando uma trilha sonora de banalidade.

— Você acha que se trabalhar mais um pouco, consegue comprar uma casa ou vai continuar vivendo nesse cubículo? — Mauro perguntou, inclinando-se sobre a mesa de Zoltan com um olhar de escárnio.

Zoltan riu, um riso que não chegava a ser alegre. — Se o meu salário fosse um ímã, até os centavos teriam o desejo de se afastar de mim!

Mauro deu uma gargalhada, enquanto os colegas de trabalho compartilhavam um olhar cúmplice. Zoltan sempre foi o alvo das piadas de Mauro, mas havia algo de confortante na previsibilidade daquela dinâmica. A ironia era um escape, uma maneira de lidar com o peso da vida.

As Rotinas e Reflexões

Com a manhã avançando, Zoltan se sentia cada vez mais sobrecarregado. Ele sabia que suas obrigações como pai e trabalhador estavam exigindo tudo de si. Em um momento de pausa, decidiu se levantar e ir ao banheiro. Olhando-se no espelho, ele viu um homem cansado, de olhos fundos e cabelo desganhado. *“O que eu estou fazendo com a minha vida?”* — pensou, mas logo foi interrompido pela batida na porta do banheiro.

— Zoltan, você está bem aí? — perguntou Ricardo, seu amigo professor de filosofia e cibernética, um homem alto, com uma cabeleira desganhada que refletia sua mente inquieta.

— Estou. Só pensando na vida — respondeu Zoltan, saindo do banheiro e enxugando as mãos.

— Ah, a vida! Esse enigma sem resposta. Vamos tomar um café e conversar sobre isso? — sugeriu Ricardo, com um brilho nos olhos.



No café, enquanto se sentavam em uma mesa isolada, Zoltan desabafou: